Ezequiel – a reconstrução pelo Espírito

O Profeta Ezequiel nos introduz num período histórico da caminhada bíblica do Povo de Deus, "a cavalo" entre o pré-exílio e o exílio da Babilônia (597-571 aC). Conhece os profetas antecessores, como Jeremias, que permaneceu e desenvolveu sua mensagem profética entre os pobres da terra.

A missão de Ezequiel foi árdua e dura: além do papel de vigia (Ez 33) dando início aos oráculos de reconstrução pelo Espírito e a mão de Javé (Ez 36–37) denunciando os maus pastores de Israel (Ez 34), tinha que transmitir oráculos de julgamento, de castigo contra a casa de Israel e as nações estrangeiras (Ez 4–32).

Todavia Ezequiel e seus discípulos, compartilhando a mesma sorte da minoria exilada, infundirá, pela força do espírito de Javé que o possuiu desde o começo de sua vocação (Ez 1–3), a esperança do retorno para Jerusalém. Não mais com "ossos secos", com "coração de pedra", mas com um coração de carne, um coração novo (conversão individual-coletiva). Então na volta, querida por Javé, após duros julgamentos, tudo será reconstruído, será verdadeiramente um novo êxodo: sem injustiças e sem idolatrias (como nos lembra a escola profética efraimita: Elias e Eliseu – reforma Deuteronomista).

Então, este nosso trabalho seguirá os passos do contexto e da denúncia-anúncio proféticos-sacerdotais de Ezequiel, focalizando o lugar que neles desempenha a reconstrução do povo pelo espírito de Javé.

1. INTRODUÇÃO: QUEM FOI EZEQUIEL?

Ezequiel atua num período da história do Reino de Judá em que o problema da terra se torna mais agudo: Judá perde o *dom da terra*, o povo é dispersado e uma pequena minoria é deportada para Babilônia. Ezequiel profetiza no coração deste drama, entre os exilados (593 a 571 aC) da Babilônia. Até ele mesmo fazia parte do primeiro grupo de deportados em 597 aC (Ez 1,1-3 e 2Rs 24,10-16). Foi na Babilônia que Ezequiel recebeu a vocação e exerceu o ministério entre os exilados. A vocação aconteceu "quando me encontrava entre os exilados" (1,2) "na terra dos caldeus",

junto ao rio Cobar (1,13), após a visão do templo profanado. O *Espírito* o conduz de volta "ao exílio da Babilônia" (11,24) e fala aos exilados (11,2).

Pouco se sabe sobre a vida de Ezequiel. Sabe-se que era filho do sacerdote Buzi. Podemos supor, conforme parecer de muitos exegetas, que ele próprio foi sacerdote, pela sua linguagem, o seu conhecimento da legislação sagrada e o seu interesse pelo templo. Uma coisa é certa: ao ser exilado longe de Jerusalém, ele não pode exercer o seu ministério.

Acreditando nos dados do livro, constatamos que ele foi deportado a Tel Abib, junto ao rio Cobar, perto de Nipur.

Sabemos também que era casado e que ficou viúvo pouco tempo antes da queda de Jerusalém. Segundo ele nos fala, é ao mesmo tempo: *profeta-sacerdote-visionário*. De fato ele tem freqüentes visões (1,1–3,15; 3,1-16a.22s; 8–11; 37,1-14; 40–48), nas quais atua e participa.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DE SUA ÉPOCA

Ezequiel profeta-sacerdote-visionário vive de perto e por dentro a situação do povo antes e depois da destruição de Jerusalém em 586 aC que tem como conseqüência a deportação das elites para a Babilônia. No reino de Judá, como nos relata 2Rs 24,14, ficou a parte mais pobre da população: *os pobres da terra*. A monarquia estava destruída e no ar pairava a pergunta: "Haverá ainda um futuro para o povo?" (2Rs 25; Jr 52).

Após a destruição de Jerusalém e as três deportações (1ª de 598-597 aC; 2ª em 19 de julho de 586 aC; 3ª de 582-581 aC) tudo parece desmoronar sobre a terra prometida. O choque foi tão violento que é quase impossível ver claras as promessas do passado (cf. Sl 89) nesta nova experiência da dominação babilônica.

O Sl 137 é o retrato da vida dos exilados, os quais permaneciam juntos, em comunidades, em torno a Nipur, uma região agrícola.

Com a queda da monarquia do reino de Judá, em Judá mesmo e no cativeiro se criam dois pólos de esperança e de resistência. Vejamos:

EM JUDÁ

– O culto sobre as ruínas do templo: organizações nas áreas rurais, lamentações e salmos (Sl 89). Esperança em Javé, o Deus justo que será misericordioso.

– Círculos de Escolas Deuteronomistas: organização tribal nos meios rurais (cf. Jr 31,15). Segunda edição da história Deuteronomista; a edição deuteronomista de Jeremias. Javé permitiu que a nação padecesse, mas há esperança para os que se arrependem.

– Os círculos proféticos: organização tribal nos meios rurais. Coleção e edição dos oráculos proféticos pelos seus discípulos. Há um futuro rei judeu para uma nova era de libertação (Jr 30–31; cf. Ez 37,23-24).

NO CATIVEIRO

– Círculos proféticos (Ezequiel, Isaías 40–55). Javé é o deus justo e bondoso. Ele irá restaurar com a força do espírito Judá e Jerusalém (Ez 11–12; 43–45).

– Círculos sacerdotais: fazem um projeto de restauração, o Código da santidade em Levítico 17–26, e escrevem a história sacerdotal, a história das alianças como programa de restauração dos exilados: sábado, circuncisão (Gn 1; 17). As exigências de Javé pela pureza moral e ritual devem ser observadas nas leis do código sacerdotal.

– Círculos sapienciais (Ez 14; os sábios clássicos; Noé, Daniel, Jó). A bondade de Javé criador é questionada por causa do sofrimento e desespero.

3. DIVISÃO DO LIVRO

Ezequiel é principalmente o profeta do julgamento: a cidade de Jerusalém foi destruída por causa do pecado do povo e suas autoridades (Ez 7–9). Mas a libertação, reconstrução, reorganização que Javé quer, vem pela conversão que é uma verdadeira reconstrução obtida pela força do *Espírito* (Ez 18,33-37).

O livro apresenta, após o relato da vocação, uma estrutura tripartida que pode ser visualizada no seguinte esquema:

– Vocação (1,1–3,15)

I. ORÁCULO DE CONDENAÇÃO CONTRA JUDÁ (4–24)

II. ORÁCULOS CONTRA AS NAÇÕES ESTRANGEIRAS (25–32)

III. ORÁCULOS DE SALVAÇÃO (33–48)

Neste esquema tripartido há umas exceções. Por exemplo: 11,17-20; 17,22-25; 20,40-44 são oráculos de salvação inseridos na seção de oráculos de castigo.

4. EZEQUIEL E A RECONSTRUÇÃO PELO ESPÍRITO

Em Ezequiel, a reconstrução pelo Espírito, que abrange de modo peculiar os capítulos 33 a 39, cujo centro é o 37, retoma os grandes alicerces bíblico-teológicos da história de Israel. A criação, o êxodo, a conquista da terra, a aliança, que em Ezequiel serão: Novo êxodo, Nova aliança, volta à terra prometida, criação e reconstrução.

Serão estes temas que iremos aprofundar. Primeiro, vendo de perto as citações onde aparece a palavra Espírito; e em seguida, os frutos do Espírito, que caracterizam a reconstrução do povo de Israel.

O profeta fala com autoridade do *"Espírito"*. É o *Espírito de Javé* que desempenha importante papel no livro. Ezequiel recebeu suas visões estando *possuído pelo Espírito de Javé* (Ez 3,24). Ezequiel retoma aqui a teologia do antigo profetismo. A literatura profética clássica, que antecedeu a Ezequiel (Amós, Oséias, Isaías, Jeremias, Miquéias 3,5-8), tinha cuidado em falar do *"Espírito"* como uma força que dá ao profeta sua autoridade. Era porque "o homem do Espírito" caracterizava-se por um comportamento original que chamava a atenção e o fazia parecer um "louco" (Os 9,7; 2Rs 9,11).

Ezequiel fala de sua inspiração e da autoridade de sua mensagem de diversas formas:

– Ezequiel fala do *"Espírito"* exatamente como os discípulos de Elias e de Eliseu falavam de seus mestres efraimitas. O profeta diz que o *Espírito*

o tomou, o arrebatou, levou-o a *Tel Abib* (Ez 3,14), e mais tarde a Jerusalém (Ez 8,3), e segundo Ez 11,24 o traz de novo entre os exilados.

– Ezequiel, falando do *Espírito*, usa expressão sinônima: *a mão de Javé*, como na história do profetismo arcaico (Elias, 1Rs 18,46; Eliseu, 2Rs 3,15. Também em Is 8,11; Jr 15,17). Ezequiel fala do mesmo modo da *"mão de Javé"* que caiu sobre ele, pegou-o pelos cabelos e o *Espírito* o leva para Jerusalém (Ez 8,1-3).

– Ezequiel utiliza a referência em momentos-chaves de sua profecia (Ez 3,14.22; 8,1; 33,22; 40,1).

– Ezequiel então é tomado pelo *Espírito*, ou pela *mão de Javé*, como ligação à experiência de uma *"visão à distância"* (cf. Am 7,12; Is 29,10; Is 30,10). O profeta vê o que se passou no templo, as abominações ali cometidas e os castigos que se seguem (Ez 8–9). Do mesmo modo vê o Templo reconstruído (Ez 40s). Em Ezequiel também existe uma atividade particular de saber olhar com firmeza na hora de comunicar sua mensagem (Ez 6,1; 13,17; 21,2.7; 25,2). *"Volta a tua face..."* é também um costume que se encontra no profetismo arcaico, como no caso de Balaão (Nm 22,41; 23; 24,1-2).

– Por fim ainda temos que sublinhar que Ezequiel, em sua mensagem, se apóia na pregação de seus predecessores mais próximos: Am 8,1-2; Ez 7 (o dia de Javé); Is 7,20; Ezequiel também retoma a imagem da navalha como em Jeremias (o rei da Babilônia, instrumento de Deus).

Esta breve apresentação mostra como o profeta Ezequiel é possuído pelo *Espírito* e é conduzido pela *mão de Javé*.

Agora vamos ver de perto, ou melhor, sublinhar, os trechos do livro onde Ezequiel nos fala que a reconstrução de Israel passa pela reconstrução, pelo *Espírito*.

– O *Espírito* entrou no profeta a seu chamado: "Enquanto falava, entrou em mim o *Espírito* e me pôs de pé. Então ouvi aquele que falava comigo" (Ez 2,2).

– E doravante o possuiu periodicamente, dando-lhe oráculos e visões, ocasionalmente transpondo-o de lugar a lugar.

Exemplos:

"O *Espírito* ergueu-me e me levou; eu fui, mas amargurado, com o *Espírito* em *fogo*, enquanto a *mão de Javé* pesava sobre mim. Cheguei aos exilados de Tel Abib que habitavam junto ao rio Cobar – era aí que eles estavam – e demorei ali por sete dias, consternado, no meio deles" (Ez 3,14-15). "Ali mesmo veio sobre mim a *mão de Javé*, e Ele me disse: levanta-te, vai para o vale e ali falarei contigo. Então o *Espírito* entrou em mim e me pôs de pé; falou-me e disse: vai, tranca-te em tua casa" (Ez 3,22.24).

"Sucedeu no ano sexto, no quinto dia do sexto mês, que eu estava sentado em minha casa e os anciãos de Judá estavam sentados na minha presença, quando ali mesmo veio sobre mim a *mão de Javé*. Ele estendeu o que parecia ser a forma de mão e me segurou por um tufo de cabelo. O *Espírito* me levantou entre o céu e a terra e me trouxe a Jerusalém, em uma visão de Deus, à entrada do pórtico interior que dá para o norte onde está colocado o ídolo do ciúme, isto é, aquele que provoca ciúme" (Ez 8,1.3).

"O *Espírito* ergueu-me e trouxe-me para junto do pórtico oriental do Templo de Javé – aquele que dá para o oriente. Ora, ali junto da entrada do pórtico se encontravam vinte e cinco homens. Entre eles vi Jezonias, filho de Azur, e Feltias, filho de Banaías, príncipes do povo. Então o *Espírito* de Javé pousou sobre mim e me disse: Fala! Eis o que diz Javé: É isto que andais dizendo, casa de Israel. Conheço as vossas maquinações... O *Espírito* ergueu-me e trouxe-me para junto dos caldeus, aos exilados, em uma visão enviada *pelo Espírito de Deus*, enquanto a visão de que eu fora testemunha se retirou de mim" (Ez 11,1.5.24).

"Ora, na tarde anterior do dia em que veio o fugitivo, *a mão de Javé* viera sobre mim e abriu-me a boca de manhã, quando aquele veio ter comigo. Abriu-se-me a boca e fiquei livre da minha mudez" (Ez 33,22).

"*A mão de Javé* veio sobre mim e me conduziu para fora *pelo Espírito de Javé* e me pousou no meio de um vale (Ez 3,22-23 e 8,4) que estava cheio de ossos" (Ez 37,1).

"No vigésimo quinto ano do nosso exílio, no começo do ano, no décimo dia do mês, no décimo quarto ano, após a tomada da cidade, exatamente no mesmo dia, *a mão de Javé*, pousou sobre mim e conduziu-me até lá" (Ez 40,1).

Passamos agora a analisar os frutos do Espírito que caracterizam a reconstrução do povo de Israel:

a) Novo Êxodo

Unindo a teologia da redação Deuteronomista de Jeremias e o Segundo Isaías, Ezequiel previu o *novo êxodo*, novo meio de Deus permanecer fiel à promessa do primeiro Êxodo. A questão, de maneira bem ampla, aparece numa disputa em Ezequiel 20,32-44, em que se rejeita (na primeira perícope) a consulta dos anciãos (Ez 20,1-31). A passagem começa com a expressão de derrota e desânimo do povo. Se o julgamento de Deus é inevitável, visto que sua decisão sobre o exílio foi tomada antes de o povo entrar na terra sob o comando de Josué, por que não viver em paz entre as nações e servir aos seus deuses (v. 32)? Javé respondeu com juramento: "Por minha vida, oráculo do Senhor Javé, eu juro certamente com mão forte e braço estendido – derramando sobre vós a minha cólera – hei de reinar sobre vós. Sim, com mão forte e braço estendido, derramando sobre vós a minha cólera, hei de tirar-vos de entre os povos e *reunir-vos* de entre as nações pelas quais fostes espalhados" (Ez 20,33-34).

A realeza de Javé mostra que ele realizou *novo êxodo* (cf. Ex 15,18), promessa bem difícil de se acreditar no começo do exílio. Sua realeza só podia se realizar por uma demonstração de poder contra o inimigo e, segundo o profeta, a ira de Javé seria derramada sobre os rebeldes e transgressores dentro do Israel exílico (v. 38; cf. v. 8.13.21). Isto significa que nem todos os que experimentassem o *novo êxodo* iriam para Sião. Ao contrário, o *êxodo* começaria a partir de muitos países (v. 34) e levaria a um confronto de julgamento entre Javé e Israel no "deserto dos povos" (v. 35).

Javé seria o juiz de Israel (v. 36), como julgara e purificara Israel durante a primeira peregrinação no deserto. Como pastor, faria todas as ovelhas passar sob seu bastão, com o resultado de que somente poucos e apenas aqueles que não se rebelaram ou não transgrediram (v. 38) entrariam na *Terra de Israel* (cf. Ez 34,17-19).

A meta deste *novo êxodo* é uma procissão a Sião, não apenas a retomada da divindade à vista de todas as nações (v. 41). O *dom da terra* (v. 42; cf. 11,17-18;

34,13; 36,24; 37,21) será o cumprimento da antiga promessa aos pais e o povo conhecerá e reconhecerá que seu deus é aquele Javé cuja identidade manifestou-se no tempo do primeiro êxodo (v. 42; cf. Ex 3 e 6); o povo será levado a reconhecer seu próprio comportamento vergonhoso quando vir os grandes feitos da Bondade de Deus (v. 43). Israel irá reconhecer e entender que Javé age por causa do seu próprio nome e não segundo as ações corruptas deles (v. 44). Este nome foi difamado quando Israel caiu no cativeiro entre as nações (Ez 36,22). Agora Javé, pela força do seu Espírito, vinga sua santidade e reconhece redimindo Israel (Ex 36,23; cf. 39,25). Para Ezequiel o *novo êxodo* apresenta Deus fiel agindo livremente, dentro da nova situação criada pelo cativeiro. Novamente Javé, na montanha Santa, acolherá o seu povo arrependido (com um coração novo) e receberá dele ofertas abundantes.

No capítulo 34 Ezequiel faz uma denúncia fortíssima contra os pastores de Israel. Ele faz um elenco minucioso da ação deles. Pastores bons para si, esquecendo o inteiro rebanho a eles confiado. Não alimentam as ovelhas, não restauram a força das enfraquecidas, não curam as doentes, não tratam as aleijadas, não reconduzem as desgarradas, não buscam as perdidas. Governam com violência e opressão, abandonaram o rebanho aos animais selvagens. Os governantes de Israel são os verdadeiros responsáveis por ter entregado o rebanho às garras das nações. Ezequiel não poupa palavras de dura condenação contra esses governantes ou pastores (v. 10; cf. 17,11-21; 19,1-9.10-14; 21,25-27).

Javé é bem diferente dos governantes de Israel. Ele é o *Bom Pastor*. Ele buscará as ovelhas perdidas no exílio e as levará para casa, a Palestina, onde alimentará as famintas e ajudará as que estiverem feridas ou oprimidas. Nos v. 23-24 Javé promete governar até como pastor terreno, *novo Davi*.

Esta é uma visão por tradições posteriores. Porém, no oráculo original, o verdadeiro pastor, para Ezequiel, é o mesmo Deus, e será pela sua força que os exilados poderão voltar para Sião, para Jerusalém.

b) Nova criação e reconstrução do povo

Em 37,1-14 Ezequiel nos apresenta a *visão dos ossos secos*. Nesta visão o profeta viu um vale cheio de ossos, muito numerosos e secos. É um simbolismo que representa que muitas pessoas haviam morrido e que estavam mortas há muito tempo. Ezequiel, pela força do *Espírito de Deus*, recebeu ordem de profetizar a estes ossos, dizendo-lhes que Javé os cobriria de tendões, de carne e de pele e depois tomariam vida dando-lhes *sopro* (v. 6).

O profeta entende a *nova vida*, a reconstrução destes ossos, como *nova criação*. Neste contexto o paralelismo com a narrativa javista da criação é indiscutível. É possível o confronto:

> "Porei em vós músculos, farei vir carne sobre vós, cobrir-vos-ei de pele; depois farei entrar em vós o *sopro da vida* a fim de que revivais. E sabereis que *Eu sou o Senhor*" (Ez 37,6).

> "O Senhor Deus formou pois o homem do barro da terra, e soprou-lhe nas narinas *um sopro da vida* e o homem se tornou um ser vivente" (Gn 2,7).

Grande ruído teofânico acompanha a reunião dos ossos e o *Espírito vivificador* vem, a convite do profeta, repor o povo reformado sobre seus pés como poderoso exército. A *visão* é explicada nos v. 11-14. A interpretação identifica os ossos com toda a casa de Israel e cita três queixas do povo às quais é dada resposta a seguir: "Os nossos ossos estão secos, a nossa esperança está desfeita. Para nós está

tudo acabado" (11). Estranhamente a metáfora muda de repente de ossos espalhados em campo de batalha para cadáveres deitados em túmulos. Enquanto a metáfora dos v. 1-10 era a de *nova criação*, o sinal descrito nos v. 11-14 é mais explicitamente de reconstrução-"Ressurreição". Além disso o verbo usado para *"fazer subir"* dos túmulos é empregado em outros lugares da Bíblia para denotar o Êxodo (1Sm 12,6; Os 12,14).

Ezequiel, ao descrever a reconstrução de Israel como *Criação, "Ressurreição", "Êxodo"* ou nova doação da terra, alude à atividade que por definição é obra exclusiva de Deus. Além disso, o *"sopro"* não é simplesmente o *sopro da vida* de certa forma relacionado com os quatro ventos (v. 9). É *o Espírito que vem de Javé – "Meu Espírito"* (v. 14).

A *nova vida* na terra não é fim em si mesma. A revivificação dos ossos revestidos de carne (v. 6) ou a Ressurreição e subseqüentemente a doação da terra (v. 13-14) tem, antes de tudo, como última finalidade, o reconhecimento da verdade, a identidade de Javé por Israel: *"Sabereis que eu sou Javé"*.

A base da esperança é a palavra de Javé: *"Eu falei e eu o farei, oráculo de Javé"* (v. 14). A *esperança* transmitida por esta visão não é apenas uma possibilidade para o futuro. Israel pode contar com ela, é parte da palavra de Deus. O poder que garante vida nova após o exílio é a *Palavra criadora de Deus* proclamada pelo profeta. A visão dos ossos expressa a promessa incondicional de Deus para o futuro (Ez 18,24).

c) Nova aliança

Considerando as passagens autênticas de Ezequiel, ele não usa freqüentemente esta palavra para descrever a relação pré-exílica de Israel com Javé. Mas a descrição do Israel pós-exílico inclui uma aliança de paz eterna.

Em Ez 34,25-30 a *nova aliança* descrita nestes versículos é chamada aliança de paz, promessa de abundância e prosperidade. As feras não perturbarão mais Israel (v. 25.28; cf. v. 8). É de notar que em outras passagens de Ezequiel os animais selvagens são autores do castigo de Deus (Ez 5,17; 14,15.21; 33,27).

Também as nações inimigas não oprimirão nem escravizarão o povo (v. 27-29) e ninguém o intimidará (v. 28). A paz da aliança era: chuva no tempo oportuno, árvores produzindo frutos, colheitas abundantes e o fim da fome (v. 26-29; cf. 36,29-30.34-35). E isso é uma demonstração concreta da aliança: "Saberão que eu, Javé seu Deus, estou com eles e que eles, a casa de Israel, são o meu povo" (v. 30). A bênção desta Nova Aliança apresenta muitas semelhanças verbais com Lv 26,3-13. Só que para o Levítico se trata de obediência humana enquanto para a teologia de Ezequiel são dons gratuitos de Deus.

– Em Ez 37,26: "Concluirei com eles uma aliança de paz, a qual será aliança eterna, e eu os multiplicarei". Em primeiro lugar, a *nova aliança* inclui a bênção de fertilidade – um evangelho para o povo no exílio. Grande crescimento da população também é prometido em Ez 36,10-11.33.36-38, onde se fala ainda de reconstrução até de cidades (cf. Ez 28,26). Em segundo lugar a *aliança* é a *aliança nova*. Ezequiel não se baseia nas alianças com Noé ou Abraão (como o código Sacerdotal) nem apela para o retorno ao Horeb/Sinai (como o Deuteronômio). A *nova aliança* de que nos fala Ezequiel tem muitas semelhanças com a nova-renovada aliança sinaítica mencionada em Jeremias (Jr 31,31-34).

– Em Ez 16,59-63 Javé confirma que Jerusalém rompeu a *aliança* e o castigo chegou de acordo com suas ações. Javé porém promete lembrar-se da antiga aliança (v. 60; cf. v. 8) feita nos dias de sua juventude, apesar do fato de que Jerusalém persistentemente se esqueceu da sua juventude fiel (v. 22 e 43). Quando Javé se lembrar, estabelecerá uma *aliança eterna*, levando Jerusalém a conhecê-lo e reconhecê-lo. A conclusão desta aliança está ligada ao perdão dos pecados, como em Jeremias (v. 63). Para Ezequiel a *nova aliança* é possível pelo dom gratuito do perdão de Deus. O perdão também tem papel na promessa de Javé de purificar o Israel reconstruído pelo Espírito, tendo um novo coração:

> "Borrifarei água sobre vós e ficareis puros de todas as vossas imundícies e vos purificarei de todos os vossos ídolos" (Ez 36,25; cf. v. 33).

A *nova aliança* permanecerá para sempre. Deus tornará possível a *nova* obediência de Israel, transformando-o pelo Espírito: *"Eu vos darei coração novo, porei no vosso íntimo um Espírito novo, tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei no vosso íntimo meu Espírito e farei com que andeis de acordo com os meus estatutos e guardeis as minhas normas"* (Ez 36,26-27; cf. v. 29 e Ez 11,19). Só as ações de Javé e seu perdão libertarão Israel para *servir* (Ez 34,32; 37,23).

Em síntese, a *nova aliança* é a parte da fidelidade de Deus ao seu antigo relacionamento com Israel, mas também é parte de sua liberdade porque:

1. A Aliança é possível pelo perdão de Deus
2. A conseqüência será Israel fiel e...
3. Durará para sempre.

d) O retorno à terra prometida (Ez 34–37) e as ameaças derrotadas pelo Deus libertador (Ez 38–39)

Nas promessas de Ez 34–37 vimos com clareza que a volta à terra prometida e a reconstrução de Israel seriam uma iniciativa de Javé. Na profecia de Ezequiel haverá (como já vimos) um *novo êxodo*. Dando mais uma vez a terra a Israel, Javé permanecerá fiel às suas promessas aos patriarcas, especialmente Jacó (Ez 20,32-44; 28,25; 37,25; 47,14). A *terra* será considerada permanente tal como a *aliança* e a realeza. A *aliança* violada levará à perda da terra e ao conseqüente cativeiro. Agora com a *nova* posse da terra ninguém poderá atemorizar Israel (Ez 34,28) e o povo habitará na terra em segurança (Ez 34,25). A promessa da terra assume traços concretos nas descrições da sua extensão e das suas divisões. Será uma divisão em doze partilhas *tribais* e uma área sagrada simbolizando o projeto salvífico de Javé (Ez 45,1-8; 47,13–48,29).

Ez 37,25-28 mostra ainda como Ezequiel infunde esperança para o futuro do povo, o povo que terá a permanente presença de Deus no meio deles. De fato os v. 25-28 delineiam a promessa e a presença de Javé no meio de seu povo.

1. Um Israel obediente habitará o país para sempre
2. Davi será príncipe para sempre
3. Javé dará ao povo uma aliança que permanecerá eternamente
4. "Porei o meu santuário no meio deles para sempre.

Minha habitação estará no meio deles:
eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.
Assim saberão as nações que eu sou Javé,

aquele que santifica Israel,
quando o meu santuário estiver no meio deles para sempre".

A promessa de que Javé estará no meio do seu povo é repetida três vezes; duas vezes é reforçada com o termo *para sempre*. Só esta promessa está ligada com a fórmula da aliança ("Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo"). Somente a realização desta promessa fará com que as nações reconheçam Javé.

No pequeno apocalipse de Ezequiel, nos capítulos 38–39, inseriram-se textos do profeta Jeremias 4–6 onde se fala do inimigo que vem do Norte, do profeta Isaías 14,24s, que fala das tropas assírias derrotadas na montanha de Javé. Paz e tranqüilidade sobre as montanhas de Israel serão ameaçadas pela invasão do mítico Norte, *Gog*, do país de *Magog* (38,2). *Gog* dirá: "Invadirei um país indefeso, atacarei gente pacata que vive em segurança, morando todos em vilarejos sem muralhas, trancas ou portas. Vou espoliar e saquear, voltando minha mão contra as ruínas repovoadas, contra um povo recolhido do meio das nações que se dedica à pecuária e ao comércio e mora no umbigo da terra" (38,11-12). Mas o invasor do norte não terá sucesso.

Javé, o *Deus libertador*, não permitirá que este misterioso invasor do Norte se instale nas montanhas de Israel. Ao contrário, Deus os atrairá para lá, e as montanhas serão túmulos para seus imensos exércitos. Com um cataclismo apocalíptico, provocará medo entre os soldados de modo que eles se matem uns aos outros (38,19-23). A derrota será tão grande que o povo levará sete meses para enterrar os mortos (39,12-15), e as armas servirão como lenha para os fogões (38,9-10). Desta forma, Javé continuará a garantir a segurança de seu povo na terra prometida (39,25-26). Nenhum exército terá trancas ou portas (38,11), que garantirão a posse da terra, mas unicamente Javé.

e) PROMESSA DE UM NOVO REI

Poderia haver um Israel sem rei davídico? Ezequiel investe contra os príncipes anteriores de Israel (cf. 22,6.25), sobretudo contra Sedecias, último rei (Ez 17,12s), mas a promessa a Davi, para a escola de Ezequiel, parte da continuidade da fidelidade de Javé.

Vejamos uns textos que nos trazem maiores luzes exegéticas referentes à promessa de um novo Davi.

1º texto: Ez 17,22-24 (ver v. 1-21). Javé promete tomar o cimo do cedro, um broto, e plantá-lo no alto monte de Israel. O cedro é a linhagem davídica e o alto monte é Sião. Ezequiel não nos informa sobre as características deste governante e nem nos informa sobre sua atividade. Todo o enfoque parece estar em que todas as árvores do campo, todas as nações, neste novo ato de Javé, o reconhecerão melhor na sua característica. *Ele* humilha os orgulhosos e exalta os humildes (cf. 1Sm 2,7; cf. Lc 1,52). O novo rei da linhagem davídica não inaugurará a nova era pela força militar.

2º texto: Ez 34,23-24. Aqui há uma promessa que diz que ao lado de Javé, o *Bom Pastor* (v. 11-16), haverá *um pastor terreno*. A palavra *um* indica que o reino davídico será coisa do passado. O pastor terreno será chamado *"meu servo"* e *"Davi"*. Profetas anteriores a Ezequiel haviam identificado o Messias como descendente de Davi (Is 9,6-79; Jr 23,5-6; Os 3,5; Jr 30,9-10). Javé esclarece seu relacionamento com o Messias em fórmula modificada da *aliança*: "Eu, Javé, serei o seu Deus; meu servo Davi será príncipe entre eles". Príncipe: pode ser tentativa de mostrar as

antigas raízes deste cargo em Israel ou pode ser crítica contra as pretensões ou a corrupção da realeza pré-exílica.

3º texto: Ez 37,22 e 24-28. O futuro de Israel não será atribulado pelos problemas do reino davídico. Assim como haverá um novo êxodo, o dom da terra, também não haverá mais dois reis. A promessa de um rei em v. 22 é apenas o corolário de Israel reunificado.

Nos v. 2-28 fala-se da obediência do *novo Israel*, pois seguem-se quatro promessas que serão eternas:

1º) *A terra*

2º) *O príncipe davídico*

3º) *A aliança*

4º) *A presença de Deus para sempre no santuário.*

Porém não temos dados específicos sobre as atitudes e funções do príncipe, contrariamente ao que diz Ezequiel sobre o Santuário, que terá uma importância culminante.

4º texto: Ez 40–48. São os capítulos finais que fazem referência, vinte vezes, a um príncipe (*nasi'*).

O príncipe receberá *terra* (Ez 45,7; 48,21.22). O significado é polêmico: nunca mais os reis se apoderarão das propriedades do povo (Ez 45,8), pecado que já o Deuteronomista vira como perigo constantemente presente (1Sm 8,11-17).

Esta terra será inviolável (Ez 46,16-18), justamente por isso que o príncipe não poderá violar a terra dos outros.

O príncipe receberá também uns tributos (Ez 45,16) para oferecer por ocasião de várias festas, inclusive a da Páscoa.

Terá obrigações cultuais (Ez 44,3; 46,1-12), será um membro de Israel sem funções sacerdotais explícitas e não terá funções de governo.

5. CONCLUSÃO

Como tivemos oportunidade de acompanhar até aqui a missão do profeta entre o pré-exílio e o exílio, percebemos que seus oráculos (sobretudo na primeira parte – Ez 1–32) foram de julgamento e de castigo. Era impossível escapar da espada inimiga de Nabucodonosor, todavia os oráculos de 33 a 48 (depois de 587 aC) são repletos de esperança, de reconstrução.

Javé, única esperança – na terra prometida, destruída – para a minoria exilada (o que realmente "sobrou" em terra estrangeira), realizará *novo êxodo*, será bom pastor, e pela força do *"sopro vivificador"* o *Espírito* devolverá a vida ao Israel morto e de "ossos secos" no exílio.

Tudo será renovado e reconstruído pelo Espírito de Javé: Israel terá uma aliança marcada pela obediência de Israel e pela abundante fertilidade na natureza e entre o povo, Israel terá novo príncipe como Davi e possuirá a terra (herança). O centro desta reconstrução será o santuário – a habitação permanente de Deus entre o seu povo será garantia contra todas as ameaças que virão contra Israel (Ez 38–39). Ninguém mais perturbará sua segurança. Para Ezequiel, o Deus fiel às suas antigas promessas tem como *objetivo* final de sua ação criadora e libertadora realizar um

conhecimento universal, isto é: Ezequiel previu tempos em que as nações haveriam de conhecer e professar o Deus único: "Então as nações saberão que *Eu sou Javé*"!

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALONSO SCHÖKEL, Luis e SICRE DIAZ, José Luis. *Profetas. II*. Edições Paulinas, São Paulo, 1991 (Grande Comentário Bíblico).

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia*. Edições Paulinas, São Paulo, 1988.

KLEIN, Ralph W. *Israel no Exílio – uma interpretação teológica*. Edições Paulinas, São Paulo, 1990.

WILSON, Robert R. *Profecia e sociedade no Antigo Testamento*. Edições Paulinas, São Paulo, 1993.

Fausto Beretta e Luiz Pirotta
Caixa Postal 77
65010-120 São Luís, MA